

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS À ESCOLA INCLUSIVA

Data de aceite: 01/07/2024

Valdirene Gonçalves de Freitas

Greici Campanha

Joice Leticia Rodrigues Stumpf

Cristiana Padilha Nunes

Letícia Pigozzo Kuhn

Doraci Antunes dos Santos Lopes

Táina Aparecida Monteiro

Eliane Lombardi Rigo

Kauane Padilha Nunes

Katiane Padilha Nunes

Marina Ferreira

processo; compreender os conceitos acerca de alfabetização e letramento; refletir sobre a importância da inclusão no processo de alfabetização e letramento; verificar de que maneira a alfabetização e o letramento contribuem para a redução das desigualdades na escola. Parte da premissa de que alfabetização e letramento, quando efetivados, tornam-se importantes instrumentos de inclusão educativa, uma vez que possibilitam ao aluno a mediação com o conhecimento. Os resultados obtidos apontam para a afirmação da alfabetização e letramento como instrumentos de inclusão, à medida em que reduzem os impactos advindos das diferenças, de modo que a aposta em atividades variadas promotoras de alfabetização e letramento podem reduzir, de forma significativa, as disparidades na capacidade de aquisição do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Inclusão.

RESUMO: Estudo que investiga a relação entre alfabetização e letramento na escola no contexto da educação inclusiva. Mediada por pesquisa bibliográfica, tem como objetivo verificar como a escola pode atuar no sentido de promover a alfabetização e letramento para todos. De forma mais específica, objetivase: conceituar alfabetização e letramento; compreender a alfabetização e o letramento como partes de um mesmo

INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento constituem-se, indiscutivelmente, como grandes desafios à escola inclusiva. Isso porque os problemas de aprendizagem que muitas vezes se manifestam nos diversos componentes curriculares encontram suas causas atreladas a problemas durante o processo de alfabetização e letramento que, uma vez não consolidados, afetam os demais campos do saber.

Notório destacar que a alfabetização e o letramento, muitas vezes, ocorrem de maneira espontânea, na mediação cotidiana entre a criança e o objeto do conhecimento. Contudo, muitas vezes, a escola se torna excludente, à medida que deixa de propor metodologias e dispor de recursos eficazes para contemplar a todos os alunos. Os resultados denunciam uma grande disparidade entre alunos das escolas brasileiras, revelada pelo grande número de crianças que chegam aos anos finais do Ensino Fundamental sem que o processo da alfabetização esteja, de fato, consolidado, mostrados em exames nacionais que objetivam avaliar o desempenho de crianças e adolescentes acerca dessa capacidade. Quanto ao letramento, os resultados são ainda mais preocupantes, uma vez que a mera decodificação, muitas vezes suficiente para que o indivíduo seja considerado alfabetizado, não corresponde aos anseios de uma sociedade verdadeiramente letrada.

No entorno dessa temática, o problema de pesquisa que se propõe é: como a escola pode atuar, sem exclusões, para a efetivação do processo de alfabetização e letramento no Ensino Fundamental? Partindo de tal problemática, o objetivo geral deste estudo é verificar como a escola pode atuar no sentido de promover a alfabetização e letramento para todos. No desdobramento desse objetivo, pretende-se ainda: compreender os conceitos acerca de alfabetização e letramento; refletir sobre a importância da inclusão no processo de alfabetização e letramento; refletir acerca de diferentes formas de intervenção pedagógica para favorecer a inclusão.

Para a contemplação dos objetivos propostos, este estudo vale-se de pesquisa bibliográfica, examinando referenciais teóricos que contemplam a temática abordada. As informações obtidas auxiliarão para a construção de um entendimento mais aprofundado acerca da discussão proposta, orientando para uma prática pedagógica mais eficiente.

DESENVOLVIMENTO

A reflexão acerca dos conceitos de alfabetização e letramento encontra respaldo em Soares (2004). De acordo com a autora, são conceitos intimamente associados, sendo processos interdependentes e indissociáveis, embora correspondam a “processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino”. (SOARES, 2004, p.15)

De acordo com Soares (2004) alfabetização e letramento não podem ser dissociados pois a entrada do sujeito no mundo da escrita ocorre por meio desses dois processos, de maneira simultânea, ideia defendida por concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita. Assim, a alfabetização implica na aquisição do sistema convencional de escrita; o letramento, por sua vez, implica no desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Segundo é possível verificar na íntima relação estabelecida entre alfabetização e letramento, a escola deve, desde cedo, ter sua atenção voltada a esses conceitos, de forma que se torna impossível alfabetizar sem letrar, na mesma medida em que letrar sem alfabetizar se torna um fenômeno improvável. Para Kleiman (1995) o problema é que a escola preocupa-se apenas com a aquisição de códigos, e não com a prática social que pode ser desencadeada a partir dessa aquisição.

Conforme denuncia Soares (2004) a dissociação entre esses conceitos tem sido responsável pelo fracasso do aluno na aquisição de habilidades linguísticas que permita ler e escrever com competência, dificuldade que atravessa os anos escolares e se revela inclusive nas universidades. Conforme a autora, os precários resultados que vêm sendo obtidos na aprendizagem inicial da língua escrita, com sérios reflexos ao longo de todo o ensino fundamental exige uma revisão dos quadros referenciais e dos processos de ensino que têm predominado em nossas salas de aula.

Essa deficiência no ensino da linguagem também é apontada por Albuquerque (2007, p. 17, grifo do autor) que denuncia: “os alunos saem da escola com o domínio das habilidades inadequadamente denominadas de “codificação” e “decodificação”, mas são incapazes de ler e escrever funcionalmente textos variados em diferentes situações”.

A revisão mencionada por Soares (2004) propõe a necessidade de estabelecer a distinção letramento e alfabetização. Ao letramento, cujas facetas são múltiplas, corresponde a imersão das crianças na cultura escrita, a participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito. À alfabetização corresponde o domínio da consciência fonológica e fonêmica, a identificação das relações fonema–grafema, as habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, o conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. (SOARES, 2004).

Sob os enfoques apresentados, a questão acerca da forma através da qual é possível que o professor de língua materna possa contribuir para a alfabetização dos alunos que, já no sexto ano do Ensino Fundamental não apreenderam as noções básicas e o domínio do código, e de que forma esse processo de alfabetização, fora do período “normal” ocorre por meio do letramento encontra em Soares (2004) a resposta de que deve haver uma conciliação entre letramento e alfabetização, conservando-se a especificidade de cada um desses processos, reconhecendo sua natureza, suas exigências e planejando métodos capazes de explorar essas exigências e especificidades.

Assim, as atividades a serem oferecidas ao aluno devem ir ao encontro de ambos os conceitos, ou seja, abordar tanto os aspectos fonéticos e fonológicos, de modo que o aluno amplie sua consciência acerca da linguagem quanto os aspectos relacionados à prática dessa consciência.

Para Soares (2004, p. 16) essa questão exige:

[...] em primeiro lugar a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias [...].

A forma com que as práticas de leitura e escrita podem ser abordadas na sala de apoio para que o objetivo de letrar os sujeitos aprendizes sejam concretizados encontra respaldo em Albuquerque (2007) que defende:

Para a formação de leitores e escritores competentes é importante a interação com diferentes gêneros textuais, com base em contextos diversificados de comunicação, cabendo à escola oportunizar essa interação, criando atividades em que os alunos sejam solicitados a ler e produzir diferentes textos. Por outro lado, é imprescindível que os alunos desenvolvam autonomia para ler e escrever seus próprios textos. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 18-19).

Assim, a proposta de intervenção pedagógica apresentada traz as situações de texto como unidade de ensino, considerando que todos os fenômenos linguísticos, em todos os níveis, se concretizam no texto. Assim, parte-se do texto para a exploração das palavras e o trabalho com a exploração fonética e fonológica das palavras. Também parte-se do texto para a identificação das ocorrências tônicas nas palavras.

Da mesma forma, o texto é essencial para a exploração da pontuação e das construções morfológicas, sintáticas, semânticas. Para tal exploração, atividades de análise linguística auxiliam o aluno na compreensão das relações entre as palavras e/ou termos que estruturam os enunciados.

Contudo, Albuquerque (2007) adverte que um trabalho sistemático de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético não se restringe a atividades de leitura e de produção de textos, sendo necessária a exploração da linguagem no nível da palavra, a fim de levar o aluno a perceber que a escrita representa sua pauta sonora, e o seu significado é estabelecido através da relação fonema/grafema.

Assim, apresenta a necessidade de realização de atividades com palavras que envolvam uma reflexão sobre quantidade de letras e sílabas, ordem e posição das letras, comparação entre palavras quanto à quantidade de letras e sílabas e à presença de letras e sílabas iguais; a exploração de rimas e aliteração, entre outras propriedades a serem trabalhadas. “É preciso o desenvolvimento de um trabalho sistemático de reflexão sobre as características do nosso sistema de escrita alfabético.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 18)

De acordo com a autora supracitada, “essas atividades de reflexão sobre as palavras podem estar inseridas na leitura e na produção de textos, uma vez que são muitos os gêneros que favorecem esse trabalho, como os poemas, as parlendas, as cantigas, etc.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 20).

Sob esse enfoque, a retomada da consciência fonética/ fonológica auxilia nesse processo de alfabetização e letramento na medida em que somente ao dominar o código linguístico que utiliza o aluno será capaz de colocar esse código em situação de uso.

Alfabetização e letramento como instrumentos de inclusão

A discussão acerca da inclusão nas escolas ganha relevo quando direcionada à prática pedagógica. Isso por que não bastam legislações garantidoras do direito à educação e à acessibilidade para que o processo de inclusão realmente aconteça: tornase necessária a união de todos os esforços para que, de maneira coordenada, as diversas ações possam, de fato, resultar em resultados positivos.

Assim, uma prática pedagógica eficiente em sala de aula se torna imprescindível à consecução da inclusão. Quando alfabetização e letramento passam a ser concebidos como partes de um mesmo processo, a aplicação dessa verdade à inclusão se torna uma premissa.

De acordo com Uzêda (2019, p. 9) o movimento de inclusão social tem se difundido no mundo ocidental, intensificado a partir dos anos 80 “como um dos direitos básicos preconizados em documentos legais e normativos”.

Salienta-se que o acesso à escola comum era recusado a alunos cm necessidades especiais no Brasil por muito tempo, se processando em espaços segregados. Ao ser assumida na modalidade transversal de educação, abandona o caráter substitutivo à educação regular, passando a integrá-la. (UZÊDA, 2019).

As necessidades especiais podem se apresentar de diferentes maneiras, conforme se verifica:

As deficiências podem ser classificadas em sensoriais, físicas ou intelectuais.

Mas também podemos dividi-las em seis tipos: Deficiência Visual (DV), Deficiência Auditiva (DA) / Surdez, Deficiência Intelectual (DI), Deficiência Física (DF), Deficiência Múltipla (DMu), e Surdo cegueira. (UZÊDA, 2019, p. 27).

Considerando-se as deficiências supramencionadas e verificando-se a literatura acerca da inclusão, constata-se que diferentes recursos e/ou metodologias são necessários à efetivação da alfabetização e letramento de alunos com necessidades especiais. Para o atendimento a alunos cegos e/ou com baixa visão, menciona-se a descrição de objetos e a proposta de atividades e situações para que a criança consiga integrar as informações, formar os conceitos e reconhecer o mundo a sua volta. A iluminação do ambiente e a utilização de instrumentos ópticos auxiliam no atendimento a alunos com baixa visão. O conhecimento e aplicação do sistema braille pelo professor e apontado como principal ferramenta de ensino e aprendizagem. Sugere-se a elaboração de enunciados e textos em braille. (UZÊDA, 2019). Salienta-se, ainda, que: “A criança cega deve ter contato com o braille desde bebê, de forma lúdica, tocando nos pontinhos e tendo um adulto para decifrá-los para ela! Na educação infantil e na alfabetização, esse contato com o sistema Braille deve ser diário”. (UZÊDA, 2019, p. 30).

Quanto ao atendimento a alunos com surdez na perspectiva da alfabetização e letramento, o principal desafio, de acordo com Uzêda (2019) é superar a barreira linguística. Menciona-se duas propostas e modelos de educação: o oralismo, que consiste no estímulo do resíduo auditivo e utilização de aparelhos auditivos no caso de baixa capacidade de audição, e o bilinguismo, que consiste na utilização da língua de sinais, utilizado especialmente em casos de surdez total. De igual maneira ao sistema braille, a língua de sinais exige do professor a utilização desses códigos com eficiência.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade- TDAH, por sua vez, caracteriza-se da seguinte maneira:

O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) é caracterizado por um padrão persistente de dificuldades de atenção, agitação motora e impulsividade. Embora tais alterações comportamentais possam ocorrer de maneira transitória, principalmente em resposta a estressores ambientais, no TDAH elas são persistentes, incompatíveis com a fase de desenvolvimento e causam prejuízos funcionais significativos. (DIAS et al, 2014, p. 449).

A criança com sintomas de desatenção geralmente não presta muita atenção a detalhes: não copia frases completas, não acentua palavras, não pinga o i, não corta o t, inverte os sinais nas operações matemáticas, pula folhas do caderno, copia do fim para o começo, troca disciplinas, não organiza material conforme horário da escola, apresenta desleixo com os cadernos, perde e/ou danifica materiais, e outros comportamentos similares. A intervenção é psicológica e terapêutica. Quando bem orientado o tratamento e a intervenção pedagógica em sala de aula, as chances de obter sucesso no processo de aprendizagem são muito promissoras. (BENZIK, 2000).

A deficiência intelectual, por sua vez, consiste em limitações significativas na aprendizagem. Esse tipo de deficiência exige, em primeiro momento, a percepção, por parte do professor, de que o aluno possui um ritmo de aprendizagem mais lento, que precisa ser

respeitado. Para a intervenção pedagógica com esses alunos, defende-se a utilização de metodologias e recursos variados, tais como jogos pedagógicos, visuais (cartazes, vídeos), jogos digitais, entre outros recursos. São alunos que necessitam de um atendimento mais individualizado em sala regular, complementado com atendimento em sala de recursos. (UZÊDA, 2019).

Verifica-se, nos processos de inclusão mencionados, que a escola deve dispor de recursos e propor metodologias adequadas à alfabetização e letramento de todos os alunos, evitando quaisquer formas de exclusão. A alfabetização e o letramento representam, sem dúvida, as condições necessárias a qualquer outra aprendizagem, nos diferentes componentes curriculares.

CONCLUSÃO

Conforme visto ao longo desta breve reflexão, alfabetização e letramento são conceitos que necessitam ser trabalhados de maneira conjunta, simultânea, indissociável. Assim, a escola necessita voltar a sua atenção para a contemplação desses conceitos, inclusive nas Séries Finais do Ensino Fundamental, já que muitas deficiências na aquisição dessas habilidades apresentam-se de maneira sobressalente nessa etapa do ensino fundamental.

Diante desse contexto, as dificuldades de leitura e escrita interferem de maneira determinante na aprendizagem das diversas áreas do conhecimento,

Considerando-se esses enfoques, discutidos ao longo da presente intervenção, considera-se a importância de se oportunizar ao aluno a vivência de atividades que o levem à reflexão dos fenômenos linguísticos, compreendendo-os e os colocando em contextos de uso, adquirindo, desenvolvendo e/ou aprimorando sua competência comunicativa.

Para tanto, destaca-se a necessidade de uma atenção especial a alunos com necessidades especiais, com a oferta de recursos e metodologias adequadas às diferentes necessidades. Uma vez que a escola abriu as portas para a inclusão, ele processo precisa, de fato, se tornar efetivo, de modo a reduzir, cada vez mais, as barreiras entre a alfabetização, o letramento, e a aprendizagem de todos, de forma equânime.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Correia Borges de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11-21.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DIAS, Taciana G. Costa et al. Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade. *In:*

CAMPOS JUNIOR, Dioclécio; BURNS, Dennis Alexander Rabelo; LOPEZ, Fábio Ancona. **Tratado de Pediatria**: Sociedade Brasileira de Pediatria. Barueri, SP: Manole, 2014.

KLEIMAN, Ângela (Org). Os significados do letramento. Campinas: Mercado das letras, 1995.

LOPES, Andressa Aparecida. **Desafio Profissional de Língua Inglesa I, Fonética e Fonologia, Teoria da Literatura e Direitos humanos**. [on line]. Valinhos, 2016, p. 0110. Disponível em: <www.anhanguera.edu.br/cead>. Acesso em: 29/06/2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista brasileira de educação. [on line]. 2004, n. 25, pp. 5-17. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em 29/06/2021.

UZÊDA, Scheilla de Quadros. **Educação inclusiva**. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação; Superintendência de Educação a Distância, 2019.